



**FUNDAÇÃO  
KISSAMA**

**6º Relatório - Julho/Agosto 2011**

**Versões/Versions: Português/English**

## VERSÃO PORTUGUÊS

Caros amigos,

Mais uma vez, atrasei-me no relatório, e por isso peço desculpa. Mas espero que as boas fotos e conteúdo interessante possam compensar a demora!

Ver as fotos em:

[https://picasaweb.google.com/113384424565470443034/PalancaReport2\\_JulAgo2011?authuser=0&authkey=Gv1sRgCMbnoOXs-ngKw&feat=directlink](https://picasaweb.google.com/113384424565470443034/PalancaReport2_JulAgo2011?authuser=0&authkey=Gv1sRgCMbnoOXs-ngKw&feat=directlink)

Como previsto, estes dois meses foram os mais atarefados do ano, durante os quais executámos a operação de capturas 2011. As expectativas eram elevadas e os resultados não ficaram aquém.

A equipa nuclear era a mesma de 2009, com Barney O'Hara e o seu Hughes 500, e Pete Morkel a liderar como veterinário. Contámos também com os nossos amigos Traguedos e o veterinário local Ary Jerónimo para nos ajudar durante a campanha. Como em 2009, a Força Aérea Nacional revelou-se um parceiro totalmente fiável, e assegurou logística pesada incluindo a disponibilidade de um helicóptero pesado MI-17.

Com a terceira vedação terminada atempadamente, mesmo antes do início da operação, os preparativos de última hora incluíram a construção de bomas temporárias e a distribuição de tanques de Jet A1 em diferentes bases logísticas na Cangandala e Luando.

Nos primeiros colocámos um grande funil com lona plástica, já que esperávamos empurrar com o helicóptero a manada dos híbridos para a terceira vedação através de uma entrada com 200 metros. Contudo a perseguição dos híbridos transformou-se uma empreitada muito mais difícil do que o previsto. Logo nas primeiras tentativas verificámos que mal nos aproximássemos da manada, o macho híbrido dominante separava-se e fugia numa outra direcção. Capturar os híbridos, deixando para trás o macho dominante seria totalmente insatisfatório já que este é quem coloca as maiores ameaças às palancas puras. Por conseguinte, decidimos primeiro capturar o macho. Isto foi feito sem imprevistos, e ele revelou-se um exemplar soberbo, mesmo que de uma espécie não-existente. Com coloração de pele castanho-escura, face negra, tons de dourado na crina, grandes cornos curvos com 40 polegadas e bem constituído fisicamente, bem poderia ser um bom representante tipo de uma nova variedade de *Hippotragus*!

Este macho era o mais novo de dois meio-irmãos nascidos em 2006 e que já conhecíamos bem. Tínhamos baptizado de Sherikan e Scar respectivamente, já que a todos os híbridos demos nomes de vilões das histórias de Walt Disney. Tinham crescido juntos na manada mista até finais de 2008, altura em que o mais velho, Scar, se tornou macho dominante e expulsou o Sherikan. Este último, deixou de ser visto por bastante tempo, mas no início deste ano rebentou a vedação entrando dentro do santuário maior, e subsequentemente lutou e substituiu o Scar como macho dominante na manada dos híbridos. Este facto foi uma surpresa pois tínhamos assumido que o Scar estava ainda no comando, muito embora se tivéssemos observado cuidadosamente as fotos, já teríamos dado pela troca antes (eles são muito parecidos mas apresentam uma máscara facial ligeiramente diferente). Mas então o que tinha acontecido ao Scar? Poderia ter sido morto pelo Sherikan, ou expulso para fora dos santuários através das vedações... ou poderia estar ainda dentro do santuário grande, muito embora não tivesse aparecido no registo fotográfico há já algum tempo.

De qualquer forma, lidámos com o Sherikan como previsto: castração. Aliviando-o da sua masculinidade rapidamente transformaríamos a sua atitude, tornando-o mais dócil e sem vontade de lutar com outros machos, para além de assegurarmos fisicamente a sua esterilidade de um modo garantido a 100%. Foi depois libertado com coleira VHF e como toque final pintámos-lhe os brincos de cor-de-rosa (peço desculpa, mas não consegui resistir).

Entretanto os voos no Luando tinham começado muito bem, e no seguimento de informação recolhida no terreno pelos nossos pisteiros nas semanas anteriores, rapidamente localizámos aquela que é provavelmente a maior manada sobrevivente de palanca negra gigante, totalizando na altura 24 animais, incluindo um macho dominante, fêmeas reprodutoras, crias e alguns jovens. No decorrer das semanas seguintes, fizemos dezenas de horas de voo operacional sobre o Luando, cobrindo detalhadamente as melhores áreas onde tínhamos razões para suspeitar da presença de palancas. Localizámos então algumas outras manadas mais pequenas e capturámos um total de 18 indivíduos. Por outro lado, extensas áreas da reserva com habitat perfeito e onde as palancas negras eram no passado comuns, estão agora totalmente despidas desta espécie, onde apenas alguns grupos de palancas vermelhas subsistem. Chegámos a esta conclusão, depois de longas séries de voos, conjugados com informação do terreno com recolha de indícios e relatórios testemunhais. De alguma forma as palancas vermelhas resistiram muito melhor às décadas de caça furtiva descontrolada e parecem agora recuperar lentamente na reserva.

Em resultado dos esforços dos últimos meses sabemos agora muitíssimo mais que antes acerca da real situação da palanca no terreno. Acredito que sabemos já quantas manadas de palancas ainda subsistem, exactamente onde estas estão localizadas, quantos animais compõem cada manada, e até a estrutura populacional em detalhe. Não pode restar nenhuma dúvida que esta magnífica criatura está numa condição desesperada, e à beira da extinção.

Por razões de segurança, eu prefiro não divulgar muito mais informação acerca da palanca negra gigante no Luando, para além de que temos algumas poucas manadas, que totalizam menos de 100 animais. Temos um bom número de animais permanentemente monitorizados, e com a participação das Forças

Armadas estamos a implementar acções que visam combater a caça furtiva mas também adoptando medidas preventivas contra eventuais tentativas de rapto de animais. Por razões óbvias detalhes acerca destas operações terão de permanecer confidenciais.

Aquilo que ressalta de forma muito clara é que não apenas foi a caça furtiva que reduziu a população de palanca negra à condição actual, mas que aquela ainda está hoje muito activa e tem vindo a causar um grande impacto na população nos anos mais recentes. A técnica mais disseminada é o recurso a armadilhas com laço “de perna” colocadas ao redor de pontos de abeberamento natural (cacimbas) e locais com capim fresco. Os laços são feitos com corda de nylon ou cabo de aço, e presos a longas varas flexíveis de madeira cortadas de árvores. Em 2009 praticamente todas as cacimbas estavam armadilhadas e os animais estavam dispersos e sob enorme pressão. Desde então a situação melhorou ligeiramente nas áreas sob influência directa dos pastores da reserva, mas pouco mudou nas outras áreas. Este ano ainda encontrámos muitas armadilhas, mas ainda mais alarmante foi encontrarmos várias fêmeas adultas com ferimentos nas pernas, algumas em condição chocante, como por exemplo uma fêmea que fotografámos já muito débil e com a canela de uma pata traseira já praticamente toda necrosada e com uma óbvia cicatriz de laço – ela tinha caído recentemente numa armadilha mas estava condenada e não sobreviveria muito mais tempo. Por muito triste que seja, infelizmente não havia nada que pudéssemos fazer por ela.

A estrutura observada da população é também muito informativa para nos ajudar a compreender o que se tem vindo a passar. A estrutura apresenta-se em forma de ampulheta, com muitos animais de idade avançada, um bom número de crias do ano, mas relativamente poucos animais das classes etárias intermédias. Isto mostra que nos últimos anos poucos animais jovens têm sido recrutados anualmente pela manada. Esta mortalidade exagerada de jovens e crias, é quase de certeza o resultado de uma pressão de caça furtiva exagerada, sendo as crias e jovens de um ano os animais mais vulneráveis às armadilhas de laços.

Pelo lado positivo parece que, e ao contrário de 2009, desta vez o clima jogou a nosso favor, pois este ano as chuvas prolongaram-se muito para além do habitual, com as últimas chuvas a caírem já em Junho e após o nascimento das crias. Durante a operação havia ainda bastantes pontos de água disponíveis para os animais e as queimadas sazonais sempre associadas à caça furtiva, estavam apenas a começar em Julho. Assim, em finais de Julho a maior parte das crias tinha já dois meses de idade e não estavam ainda encurraladas pelos caçadores. Em função destas condições e com a tomada de algumas medidas de emergência no terreno, acredito que desta vez chegámos mesmo a tempo de assegurarmos a salvação da produção de crias de 2011. Se conseguirmos manter esta protecção nos próximos anos, ainda teremos algumas chances razoáveis de vir a salvar a palanca.

De volta à Cangandala substituímos com sucesso a coleira de VHF que estava avariada no nosso velho macho reprodutor “Duarte” e com mínima perturbação. Conseguimos aproximarmo-nos da manada pura e “dardar” o macho sem que ele sequer se tenha apercebido de ter sido atingido por uma seringa. Apenas tivemos de esperar até que caiu e rapidamente colocámos a coleira nova.

De seguida virámo-nos novamente para os híbridos. Aqueles malditos continuaram sendo bastante selvagens e de natureza imprevisível, tornando a perseguição de helicóptero uma empreitada bastante arriscada. Em termos de corrida e fintas ao helicóptero estes híbridos puxam muito mais às palancas vermelhas que às negras, e após mais algumas tentativas frustradas desistimos de os tentar empurrar para o santuário 3 e decidimos tentar capturá-los individualmente e esterilizá-los. Entretanto e enquanto nos concentrávamos no santuário grande, tínhamos assumido que o Scar estava fora do circuito, mas num volt-face incrível este cometeu um erro ao aparecer subitamente nas fotos! Tínhamos deixado uma câmara a monitorar a manada pura no santuário menor e ao fazermos uma verificação de rotina do local ficámos chocados ao encontrar nas fotos o Scar! Após ter sido derrotado pelo Sherikan, ele tinha rebentado a vedação e entrado para dentro do santuário 1 e circulava agora ao redor da manada pura – precisamente o que mais reacearíamos! Apenas se atravessou à frente da câmara por breves segundos para umas duas ou três mal visíveis fotos nocturnas, mas foi suficiente: o Scar estava vivo e com saúde, e dentro do santuário 1. Tinha de ser capturado! Levou-nos várias horas em diversos dias para o encontrar, mas finalmente conseguimos apanhá-lo e castrá-lo. Eventualmente todos os 9 híbridos que tínhamos na Cangandala foram capturados, marcados e devidamente processados. Acreditamos que não resta mais nenhum híbrido, com a possível excepção de um animal de um ano e meio de idade mas que já não é visto há muitos meses (pode bem estar morto).

A outra fase crítica da operação correspondia à constituição de um novo núcleo reprodutor na Cangandala. Isto exigia que pudéssemos capturar palancas negras no Luando e trazê-las para os santuários vedados da Cangandala. Para o fazermos, construímos uma “boma” temporária com lona plástica para libertar os animais na Cangandala, e decidimo ainda fazer outra “boma” para contenção temporária no Luando, num local bastante remoto e selvagem da reserva, mas relativamente equidistante às várias manadas. A ideia era capturar alguns animais que seriam colocados nesta boma temporária, até que pudéssemos preparar a viagem do MI-17, que traria então 2-3 animais de cada vez para a Cangandala. Este seria o método mais seguro e eficiente.

Após as primeiras semanas de voos sabíamos já que animais e de que manadas iríamos capturar. Depressa se tornou evidente que não deveríamos tentar trazer fêmeas adultas. A maior parte destas eram de idade avançada e estavam ou prenhes ou a criar crias recém-nascidas. Idealmente deveríamos então tentar capturar fêmeas de 2 anos, já que estas ainda não tinham tido oportunidade de reproduzir mas estariam em breve a entrar no seu primeiro cio. Infelizmente, e em resultado da estrutura populacional desequilibrada apenas tínhamos três fêmeas naquela condição e que então capturámos. Identificámos ainda quatro fêmeas de um ano das quais capturámos três. No decorrer do processo decidimos ainda capturar e trazer um jovem macho de dois anos de idade para poder eventualmente servir de macho suplente para o futuro.

E finalmente teríamos de trazer o novo *big boy*.

Durante os *surveys* tínhamos encontrado e marcado três machos solitários (aqueles encontrados sozinhos e não acompanhados de manada), um sendo uma recaptura de 2009. Os outros dois eram exemplares

magníficos. O primeiro (Hugo) tinha uma idade estimada de 12 anos aproximadamente e cornos com 55 polegadas, ao passo que o segundo (Ivan) era um macho com 7-8 anos de idade, com cornos de 54 polegadas, mas todos concordaram que este era o animal mais fortemente constituído que já havíamos capturado. Estava bem coberto de massa muscular e o pescoço era tão espesso que pela primeira vez tivemos dificuldades em conseguir colocar uma coleira à volta – acabou ficando bastante justo e bem à frente no pescoço e tivémos de usar o último buraco da coleira. Esta era uma palanca com esteróides! Também parecia estar cheio de testosterona, com o corpo mostrando cicatrizes de lutas recentes com outros machos.

Decidimos então que o macho a trazer seria o “Ivan o Terrível”. Principalmente porque a sua idade relativamente jovem o torna num candidato ideal para suceder ao Duarte naturalmente e à medida que este envelhece. Por outro lado, também nos pareceu que sendo este Ivan de carácter bem mais selvagem, talvez fosse bom para estimular o Duarte e as fêmeas velhas da Cangandala.

Primeiro começámos por capturar e libertar 4 fêmeas e o jovem macho na Cangandala, e numa etapa posterior tínhamos duas fêmeas de um ano esperando pelo grande macho, para que pudessem ser libetrados juntos. Entre o local de aterragem do helicóptero militar e a boma, os animais eram transportados numa carrinha pick-up. Contudo, e não estando esta disponível no primeiro transporte, o plano B acabou por ser o transporte de duas fêmeas e o macho de 2 anos na traseira do meu Land Cruiser... eu não acreditaria ser possível se não tivesse visto, mas agora tenho um par de buracos no tecto como recordação!

Trazer o Ivan foi uma tarefa e peras. Depois de uma perseguição trabalhosa ele acabou por cair numa zona fechada e a 300 metros da anhara (clareira) mais próxima. Considerando o seu enorme tamanho e o terreno complicado não seria possível ao Barney içá-lo com o seu Hughes 500. A alternativa foi trazer o helicóptero militar para aterrar na anhara com uma equipa de apoio. Foram precisos 10 homens e um enorme esforço para carregar o macho numa maca ao longo daqueles 300 metros de longo capim moribundo, morros de térmitas escondidas e árvores caídas. É uma pena que não tenhamos podido pesar o grande macho, mas a maior parte do pessoal concordou que poderia bem ultrapassar os 300 kg!

Uma vez dentro da boma e junto das duas jovens fêmeas esperávamos mantê-lo pelo menos por 24 horas, talvez até por 48 horas se ele já tivesse relaxado bem... Bem, o Ivan depressa começou a partir as paredes de madeira da cobertura interior e depois abriu um buraco através da cortina plástica da primeira porta. Quando se tornou claro que não poderíamos mantê-lo por mais tempo, fomos forçados a abrir a porta exterior e deixá-lo sair com as meninas, apenas algumas horas após ter chegado. É uma rica peça este Ivan o Terrível! Começámos logo ali a pensar se teria de facto sido a nossa melhor escolha...

De qualquer forma a operação foi um enorme sucesso. Conseguimos estabelecer um novo grupo reprodutor na Cangandala, incluindo um novo macho reprodutor e seis jovens fêmeas. Muito embora três destas fêmeas sejam ainda muito novas para reproduzir este ano, pois apenas poderão ter a primeira cria em 2013, mas a sua tenra idade poderá assegurar uma rápida e fácil adaptação e devemos esperar delas

uma longa vida de reprodução. Elas são certamente o complemento ideal à actual manada com fêmeas de idade já avançada e reprodução abaixo do esperado.

Em termos de outra fauna avistada, a primeira menção vai para as palancas vermelhas. Encontrámos de facto várias manadas, com destaque para uma com 26 animais no Luando e outra com 18 na Cangandala. Estes podem considerar-se como grandes grupos, até porque as palancas vermelhas são animais muito menos sociáveis que as palancas negras. Contrastando com as palancas negras, as manadas de vermelhas parecem também estar muito melhor equilibradas com bastantes indivíduos nas diferentes classes etárias.

Capturámos duas joven palancas vermelhas e marcámo-las com coleiras. O plano era depois capturar e trazer um pequeno contingente de jovens palancas vermelhas e transportá-las para o Parque da Kissama onde esta espécie chegou a ser abundante mas encontra-se hoje extinta. Os animais seriam levados para a Kissama por via terrestre num camião militar e um contentor próprio já tinha sido doado e personalizado para esta tarefa.

Infelizmente esta parte da operação foi temporariamente bloqueada devido a má comunicação entre agências Governamentais, e quando finalmente obtivemos a luz verde, era já demasiado tarde para a executar. Este falhanço constituiu uma desilusão mas podemos ainda fazê-la no futuro, quem sabe até no próximo ano. Pelo menos sabemos ter disponíveis ainda muitas palancas vermelhas e onde encontrá-las.

Não conseguimos localizar nem búfalos (pacassas) nem gungas, mas por outro lado fui recompensado ao ver e fotografar oribis e songues – duas espécies que ainda não tinha conseguido ver no Luando. E pude também tirar boas fotos do sempre desconfiado e misterioso cefalofo-de-garupa-amarela ou Chikuma.

Uma menção final para o facto que a equipa que teve de passar algumas noites acampada no Luando junto da boma para guardar as palancas em trânsito, deparou-se com leões que rugiram durante várias noites ao redor do acampamento. O Ary em particular passou algumas noites em branco, mas voltou com umas boas histórias para contar!

Cumprimentos,

Pedro

ENGLISH VERSION

Dear friends,

Again, I am following a bit behind on my reporting and for that I apologize. But I hope the nice photos and interesting contents can make up for the delay!

See photos on:

[https://picasaweb.google.com/113384424565470443034/PalancaReport2\\_JulAgo2011?authuser=0&authkey=Gv1sRgCMbnoOXs-ngKw&feat=directlink](https://picasaweb.google.com/113384424565470443034/PalancaReport2_JulAgo2011?authuser=0&authkey=Gv1sRgCMbnoOXs-ngKw&feat=directlink)

As anticipated these two months were the busiest in the year, during which we did the 2011 capture operation. Expectations were high and results didn't come short.

The core team was the same as in 2009, with Barney O'Hara and his Hughes 500, and Pete Morkel as leading vet. We also had our friends the Traguedo's and local vet Ary Jeronimo to assist throughout the campaign. As in 2009, the Angolan Air Force proved to be a most reliable partner, and provided for heavy logistics including making available a heavy-duty military chopper MI-17.

With the third fence completed in due time, just before the start of the operation, the last minute preparations included building temporary bomas and distributing drums of Jet A1 on different base camps in Cangandala and Luando.

In the first few days we erected a large funnel with plastic boma material, as we hoped to be able to chase with the chopper the hybrid herd through a 200m gate into the third camp. However, chasing the hybrids inside the larger camp proved to be a much harder enterprise than we expected. First thing we realized was that as soon as we approached the herd the dominant hybrid bull would break away and take a different route. Catching the hybrids while leaving behind the bull would be highly unsatisfactory as the latter posed the most immediate threats to the pure sable. Therefore we decided to capture the bull first. This was done cleanly, and he turned out to be a superb specimen, even if of a non-existing species. With dark brown skin color, black face, hints of gold in the mane, 40' long horns and powerfully built, he could be a worthy type representative of a new *Hippotragus* breed!

This bull was the younger of two half-brothers born in 2006 which we knew very well by now. We had named them Sherikan and Scar respectively, as all our hybrids were named after Disney villains. They had been raised together within the sable mixed group till late 2008 when the older Scar became dominant and chased away Sherikan. The later wasn't seen for quite a while, but earlier this year he had broke through the fence and invaded the larger camp and subsequently fought and replaced Scar as dominant



bull in the hybrid herd. This was a surprise as we had assumed Scar to be still in command, although if we had checked the photos carefully we would have picked up the swap before (they are very similar but have a slightly different facial mask). But what had happened to Scar? He could have been killed by Sherikan, or chased out of the camps through the fence... or he could even be somewhere inside the big camp, although we hadn't picked him in the photos for quite a while.

In any case, we dealt with Sherikan according to plan: castration. Relieving of his masculinity should quickly transform his mind set, making him more docile and unwilling to fight other bulls, not to mention that sterility is from now on physically enforced and guaranteed. We then released him with a VHF collar and as final touch we painted his ear tags of pink color (sorry, I couldn't resist).

In the meantime flights in Luando had begun very well, and following the on-the-ground info gathered by our trackers in previous weeks, we quickly located what is likely the largest surviving giant sable herd, numbering over 20 animals, including a dominant bull, breeding females, calves and some young animals. Over the following weeks we did dozens of operational hours over Luando, covering the best terrain and areas where we had reasons to believe there could be giant sable groups. We located a few other, smaller herds and we darted in total 18 different individuals. On the other hand, huge areas of prime habitat in Luando where giant sable used to be common are now empty of sable, but small herds of roan still persist. We reached this conclusion following long operational flights, in conjunction with ground information and witness reports. Roan antelope somehow seems to have resisted to the last decades of uncontrolled poaching and are now slowly recovering in the reserve.

As result of the last few months' efforts we know now much better than ever before, the real situation on the ground. I believe we know how many herds there are left, exactly where they are all located, how many animals in each herd, and even the detailed population structure. There must be no doubt that this magnificent creature is in desperate condition, on the verge of extinction.

For security reasons I will rather not divulge much more information about the giant sable in Luando, other than we have few herds left, totaling less than 100 animals. We do have a fair number of animals being permanently monitored, and with assistance from the military forces we are implementing action against poaching but also preventive measures against animal theft attempts. For obvious reasons, details about these operations must remain confidential.

What does come across very clearly is that not only was excessive poaching that reduced the giant sable population to the current condition, but also it is still very active at the moment and has been impacting the population very severely during the last few years. The most widespread technique is the use of leg snare traps laid around natural water holes and fresh grazing spots. The snares are made using nylon ropes or steel cables, attached to long wood poles cut from trees. In 2009 virtually all the water holes were trapped and the animals were dispersed and under enormous pressure. Since then the situation improved slightly in the areas within the influence of the local shepherds, but not much elsewhere. This year we still found quite a lot of snares, but even more alarming was finding several mature females with leg injuries, some in shocking condition, like one we photographed very weak and with the lower leg in

advance stage of necrosis with an obvious snare scar – she had just survived a snare encounter but she wouldn't live much longer. As sad as it sounds, there wasn't anything at all we could do to save her.

The observed population structure is also very informative to help us understand what has been going on. The structure shows a time glass type, with a lot of old animals, a good number of young calves but very few animals in intermediate age classes. This shows that in recent years very few young animals have been recruited annually into the herd. This exaggerated young mortality rate is almost certainly resulting from the poaching pressure as calves and yearlings are the most vulnerable to snare trapping.

On a positive note, it seems that, unlike 2009, this time the climate has worked in our favor. Turns out that in 2011 the rainy season extended well beyond average, with the last rains coming as late as June, just after the calving period. During the operation there was still lots of water available and the seasonal burnings and associated poaching were just about starting. In late July most of the calves were about two months old and not yet cornered by poachers. As result of all this and with the emergency measures we're setting on the ground, I believe we came just in time to save the 2011 annual production. If we sustain this for the next few years we might have fair chances of saving the species.

Back in Cangandala we successfully replaced the non-functioning VHF collar on the old breeding bull "Duarte" with minimum distress. We manage to approach the pure herd and dart the bull from the car without him even realizing he had been hit by a syringe. We only had to wait for him to go down and we quickly replaced the collar.

Next we carried out tackling the hybrids. These bastards persisted being very wild, stubborn and of unpredictable nature making the chopper chases a risky business. When it comes to running and avoiding the chopper pursuit the hybrids are much more roan-like than sable-like, and after a few frustrated attempts we gave up on the plan of chasing them all to camp 3, and instead we decided to tackle them individually and sterilize them. In the meantime and while focusing on the large camp we had assumed Scar would probably be out of the scenario, but in an incredible twist he made a huge mistake when he literally came into the picture! We had left one camera monitoring the sable herd in the smaller breeding camp and while doing a routine check of photos during the operation we were shocked to find Scar! After being defeated by Sherikan he had broke through the fence into camp 1 and was now sniffing around the pure group – precisely what we feared the most! He only passed in front of the camera for a few seconds and it were just two lousy photos at night, but was enough: Scar was alive and well, and inside camp 1. He had to be caught! It took us several hours for several days to find him, but we finally did and he was also castrated. Eventually all 9 hybrids were darted and marked. We believe there are no more hybrids left in Cangandala, with the possible exception of a yearling which hasn't been seen for several months now (may well be dead).

The other critical phase of the operation was to constitute a new breeding group in Cangandala. This required us to catch sable in Luando and bring them to the fenced camp in Cangandala. To do this we built one plastic boma site for release of the animals in Cangandala, and decided to build another one as temporary holding pen in a very wild and remote location in Luando reserve, but reasonably equidistant

to several herds. The idea was to catch a few animals and put them in the holding pen until we could prepare the trip for the military chopper, which could then bring 2-3 animals on each trip. It would be the safest and more efficient method.

Following the first weeks of flights we knew already which animals and from which herds could be caught. It soon became clear that we shouldn't try to catch adult females. Most of them were very mature or of old age and either rearing a young calf or heavily pregnant. Ideally we should then try to catch 2-year old females, as these still haven't bred and will soon enter their first estrus. Unfortunately, and as result of the very unbalanced population structure there were only three such females available which we then caught. We also identified four yearling females of which we caught three. In the process we decided to also bring in a young 2-year old male as future replacement bull. And finally we needed to bring in the new big boy.

During the surveys we had found three solitary bulls (these were the ones seen alone and not accompanied by the breeding herds), one being a recapture from 2009. The other two were truly remarkable specimens. One (Hugo) was a estimated 12- year old bull with 55' horns, while the other (Ivan) was a 7/8 – year old, with 54' horns but everyone agreed was the most powerfully built animal we have seen so far. It was well covered with muscles and the neck was so thick that for the first time we struggled to get the VHF collar around its girth – it ended up being a very tight fit high in the neck and using the very last hole. This one was a sable on steroids! He also seemed to be full of testosterone, with his body carrying recent scars from fighting with other bulls.

We then decided that the new bull to bring should be "Ivan the Terrible". Mostly because his relatively young age should make him an ideal replacement for Duarte as the later grows older. On the other hand we thought that Ivan being of a much wilder nature might be a good thing to stimulate Duarte and some of the old females of Cangandala.

First we started by catching and releasing 4 females and the younger male in Cangandala, and on a second stage we had two last yearling females waiting for the big boy to be also released together. Between the military chopper landing site and the releasing boma, the animals were transported on a pick-up truck. However, and as the pick-up wasn't available on the first run, as plan B we ended up putting two 2 – year old females and one male inside the back of my hardtop Land Cruiser... wouldn't believe it myself if I hadn't been there, and I have now a couple holes in the roof as reminder!

Bringing in Ivan was quite a task. After a tricky chase he eventually went down in a well wooded area and 300 meters from the nearest clearing. Considering its enormous size and difficult terrain it wouldn't be possible for Barney to lift him with his Hughes 500. The alternative was bringing in the military chopper to land in the clearing with a support team. It took us 10 men and an enormous effort to carry that beast on a stretcher across 300 meters of tall dead grass, hidden termite mounds and fallen wood. It's a shame we couldn't weigh the bull but most guys agreed he may weigh well over 300kg!

Once inside the release boma next to the two yearling females, we had hoped to keep him for 24 hours minimum, maybe up to 48 hours if he was well relaxed... Well, Ivan soon started breaking the wood walls of the inside cover and opened a hole in through the first plastic curtain door. As it became clear we wouldn't be able to keep him for longer, we were forced to open the gate and let him out with the girls just a few hours upon arrival. What a piece of work, Ivan the Terrible! We started then wondering if he was indeed the best choice of bull...

In any case, the operation was a huge success. We managed to establish a new breeding group in Cangandala, including a new bull and six young females. Although three of these females are still too young to breed and cannot have their first calf before mid-2013, their tender age should ensure a quick and satisfactory adaptation and we should expect a long productive breeding life ahead of them. They are probably the ideal complement the current aged and not so well productive herd.

In terms of other wildlife seen, the first mention goes to roan antelope. We did find quite a few herds, notably one with 26 animals in Luando and one herd of 18 in Cangandala. These are large groups as roan are generally less sociable than sable. Contrasting with the giant sable, the roan herds seemed to be much better balanced with plenty of animals of different young age classes.

We darted and collared two roan yearlings. The plan was subsequently catch a small group of young roan and translocate them to Kissama NP, where this species used to be abundant but eventually became extinct. The animals were to be driven to Kissama on a military truck and a special container had been donated and customized for this task.

Unfortunately this part of the operation was temporarily blocked due to miscommunication between Governmental agencies, and by the time we received the green light it was simply too late to start over. This was a disappointment, but we may still do it in the future, who knows next year. At least we know we have plenty of roan and where to find them.

We failed to find buffalo or eland, but on the other hand it was rewarding to see and photograph red lechwe and oribi – two species I hadn't yet seen in Luando. And I was also able to take nice photos of the elusive yellow-backed duiker.

A final mention to the fact that the team that had to spend a few nights camped in the bush guarding the sable in Luando next to the temporary boma, had to face lions roaring around the camp for several nights. Ary in particular had a couple sleepless nights but came back with a few stories to tell!

Best wishes,

Pedro

